

Arquitetura Paisagística na Caatinga: Conexões Sustentáveis entre Natureza e Cultura na Serra do Umbuzeiro, Paulo Afonso, Bahia.

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL DO PROJETO, DO
PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM.

Victor Hugo Pereira de Sá Silveira
Instituto Federal de Sergipe - IFS
victor.silveira085@academico.ifs.edu.br

Sandra Helena Goncalves Costa
Instituto Federal de Sergipe - IFS
sandra.goncalves@academico.ifs.edu.br

Glauber Fontes de Oliveira
Instituto Federal de Sergipe - IFS
glauber.oliveira@academico.ifs.edu.br

RESUMO

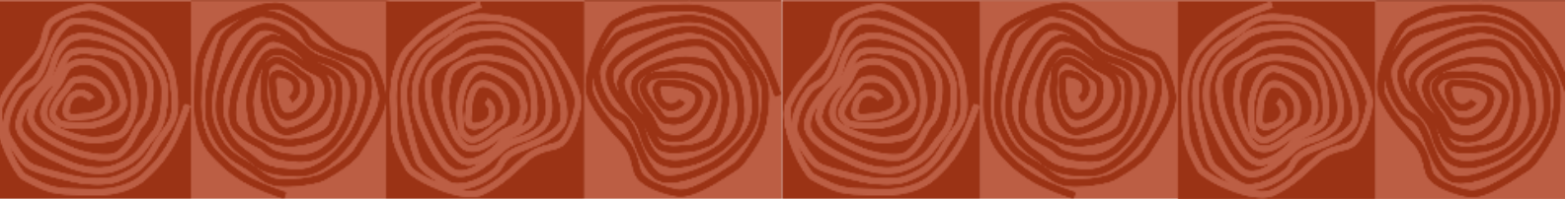
Este artigo analisa a Serra do Umbuzeiro, em Paulo Afonso (BA), como paisagem representativa da Caatinga e propõe estratégias de arquitetura paisagística que aliem conservação ambiental, valorização cultural e melhoria da visitação. Diante da ausência de infraestrutura sustentável, o estudo busca desenvolver soluções adaptadas ao semiárido, utilizando materiais compatíveis com o contexto local e fortalecendo o vínculo entre comunidade e território. A metodologia inclui pesquisa bibliográfica, análise geoespacial e estudos de caso de áreas semelhantes, além da seleção de espécies nativas. Os resultados mostram que intervenções com madeira, pedras, telhas cerâmicas e tijolos ecológicos qualificam os espaços de uso público e reforçam educação ambiental, turismo sustentável e pertencimento comunitário.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura paisagística; caatinga; patrimônio cultural.

ABSTRACT

This article analyzes the Serra do Umbuzeiro, in Paulo Afonso (BA), as a representative landscape of the Caatinga biome and proposes landscape architecture strategies that combine environmental conservation, cultural enhancement, and improved visitor experience. Given the lack of sustainable infrastructure, the study seeks to develop solutions adapted to the semi-arid region, using materials compatible with the local context and strengthening the bond between the community and the territory. The methodology includes bibliographic research, geospatial analysis, and case studies of similar areas, as well as the selection of native species. The results show that interventions with wood, stones, ceramic tiles, and ecological bricks enhance public spaces and reinforce environmental education, sustainable tourism, and community belonging.

KEYWORDS: landscape architecture; caatinga; cultural heritage.



1 INTRODUÇÃO

A literatura, enquanto expressão sensível da percepção humana sobre o ambiente, oferece importantes reflexões sobre a relação entre sociedade e natureza. Em *Vidas Secas*, Graciliano Ramos utiliza a personificação da paisagem para traduzir a dureza do sertão e a resistência de seus habitantes, evidenciando um cenário aparentemente inóspito, mas carregado de significados culturais e simbólicos. De modo complementar, o médico e geógrafo Josué de Castro problematizou as questões estruturais que atravessam o semiárido, afirmando que o desafio da região “é de cerca e não de seca”, enfatizando que as desigualdades sociais e fundiárias constituem a base dos problemas atribuídos historicamente ao clima.

A partir do diálogo entre essas interpretações literárias e sociológicas, compreende-se que a paisagem sertaneja resulta de uma continuidade entre processos históricos, práticas culturais e transformações ambientais. Esse entrelaçamento é perceptível no desenvolvimento de cidades do semiárido, como Paulo Afonso, cuja formação urbana se deu em forte interação com o bioma Caatinga. Localizada no extremo norte da Bahia, a cidade consolidou-se como polo turístico e energético, cercada por importantes referências naturais, como o Rio São Francisco, a Cachoeira de Paulo Afonso, o Raso da Catarina e a Serra do Umbuzeiro (Gentil, 2023). Entretanto, foi com a implantação da CHESF que intervenções paisagísticas baseadas na introdução de espécies exóticas, na criação de parques, lagos e áreas verdes transformaram significativamente a paisagem local, produzindo o que Lima de Oliveira (2017) caracteriza como um “ecúmeno planejado”, embora marcado por processos seletivos e excludentes.

Inscrita nesse contexto de tensões sociais, naturais e econômicas, a Serra do Umbuzeiro destaca-se pela relevância histórico-cultural e pela importância ecológica. Localizada no Povoado Riacho, a cerca de 37 km do centro de Paulo Afonso, a serra recebe esse nome devido à expressiva presença de umbuzeiros, espécie emblemática do semiárido. Durante o período de colheita, a comunidade local se mobiliza para a produção da polpa do umbu, atividade desempenhada majoritariamente por mulheres, reforçando seu papel socioeconômico no território. Bianchini (2018) evidencia esse protagonismo feminino no extrativismo, apontando o impacto social e ambiental dessa prática para o bioma Caatinga.



Além de sua relevância comunitária, a serra guarda marcas da história regional, tendo sido rota frequente do cangaço, como registram os estudos de João de Sousa Lima (2011). Conforme o autor, o local serviu de abrigo, esconderijo e ponto estratégico para o bando de Lampião, inclusive cenário dos conhecidos “bailes perfumados”. Somam-se a esse patrimônio histórico elementos naturais que reforçam o valor ecológico da região, como áreas de reprodução da Arara-Azul-de-Lear, espécie endêmica ameaçada pelo tráfico de animais e pela degradação do habitat (Santos; Silva; Cruz, 2024).

Diante desse conjunto de características, este artigo propõe a integração de práticas de arquitetura paisagística à realidade ambiental e cultural da Serra do Umbuzeiro, por meio de intervenções que respeitem a paisagem natural, valorizem saberes locais e promovam o uso sustentável do território. Busca-se analisar os aspectos ambientais, ecológicos e socioculturais da área, de modo a orientar soluções capazes de fortalecer a identidade comunitária e qualificar a visitação turística. Para isso, considera-se ainda a pertinência do reconhecimento da serra como Área de Preservação Permanente (APP), assegurando proteção legal e incentivando estratégias de manejo adequadas ao bioma.

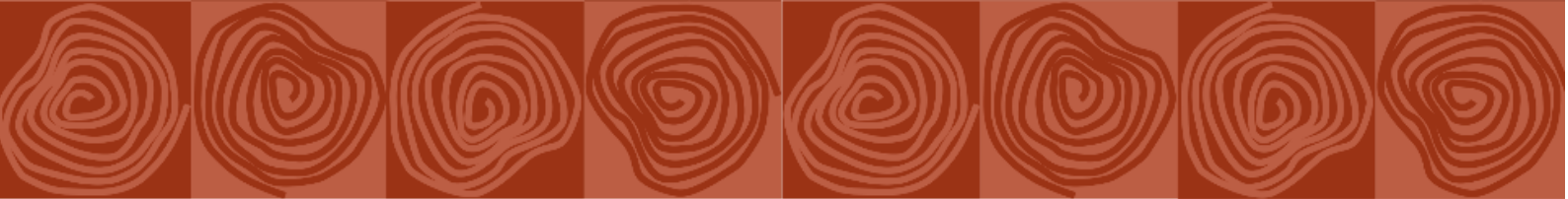
Por fim, destaca-se a adoção de técnicas e materiais sustentáveis — como madeira, pedras naturais, telhas cerâmicas e tijolos ecológicos — que, além de se adequarem às condições climáticas do semiárido, qualificam a experiência de visitação, ampliam a infraestrutura de apoio e promovem a educação ambiental. Mais do que garantir conforto e eficiência no uso dos recursos naturais, o projeto busca estimular o sentimento de pertencimento, reforçar a conservação da Caatinga e favorecer a coexistência harmônica entre natureza, memória e comunidade.

2 OBJETIVOS

Objetivo Geral:

- Promover a integração sustentável entre a arquitetura paisagística e o bioma da caatinga, valorizando os aspectos ambientais, culturais e identitários da Serra do Umbuzeiro, em Paulo Afonso, por meio de intervenções que respeitem e potencializam a paisagem natural e o saber local;

Objetivos Secundários:

- 
- Analisar as características ambientais, ecológicas e culturais da Serra do Umbuzeiro, sob a ótica da arquitetura paisagística considerando a biodiversidade da caatinga e a relação da comunidade com o território.
 - Desenvolver propostas de intervenção paisagística que priorizem o uso de técnicas e materiais sustentáveis, adaptados às condições climáticas e geográficas da região.
 - Valorizar o patrimônio natural e cultural local, promovendo o sentimento de pertencimento e a conscientização sobre a importância da conservação da caatinga.

2 METODOLOGIA

A metodologia deste artigo combina pesquisa bibliográfica, análise geoespacial e estudo de caso para embasar as intervenções paisagísticas na Serra do Umbuzeiro, no Povoado Riacho, município de Paulo Afonso, Bahia. A pesquisa bibliográfica foi essencial, com destaque para os materiais da EMBRAPA e ICMBio, que forneceram informações sobre a biodiversidade da caatinga, espécies adaptadas ao bioma e estratégias de conservação.

Além disso, foram consultados artigos e publicações acadêmicas sobre o uso sustentável da arquitetura paisagística em ecossistemas semiáridos, direcionando a escolha de espécies e técnicas adequadas. Para a análise da localização e condições ambientais, utilizou-se o Google Earth para a identificação da área de estudo e o QGIS para a coleta de dados topográficos, fundamentais para o planejamento paisagístico.

O estudo de caso da Serra da Capivara, no Piauí, como também, a Chapada do Araripe no estado do Ceará. Nesse caso, ambos os espaços compartilham características ambientais e culturais semelhantes à Serra do Umbuzeiro. Assim, na presente pesquisa foi utilizado para entender práticas de conservação e manejo sustentável, oferecendo diretrizes valiosas para o projeto. A combinação da pesquisa teórica, o uso de ferramentas geoespaciais e as lições do estudo de caso garantem que as propostas de intervenção



paisagística respeitem o contexto natural e cultural da região, promovendo soluções sustentáveis e eficientes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa expõe os resultados analisados delimitados pelo local estudado, a Serra do Umbuzeiro, em Paulo Afonso. Na pesquisa, foi possível compreender de forma integrada as dimensões ambientais, ecológicas, culturais e projetuais que orientam o desenvolvimento da proposta de arquitetura paisagística no bioma Caatinga. Assim, seguindo desde o diagnóstico territorial, das referências de estudos de caso, e majoritariamente, a seleção criteriosa das espécies vegetais nativas e as soluções sustentáveis aplicadas.

Outrossim, os resultados obtidos foram importantes na identificação dos elementos da fauna e flora para o diálogo com o projeto. Por conseguinte, a proposta do projeto arquitetônico dialoga simultaneamente com as necessidades ecológicas do ambiente em paralelo aos elementos histórico-culturais da comunidade do Povoado Riacho, em Paulo Afonso. Todavia, os resultados expostos a seguir discutem a dinâmica entre a paisagem, identidade e sustentabilidade, revelando o potencial da intervenção para promover a conservação, educação ambiental e valorização do patrimônio natural.

3.1 Caracterização Ambiental da Serra Do Umbuzeiro e Conexões com Estudos de Caso

A Serra do Umbuzeiro, presente na figura 1, apresenta um conjunto de características ambientais que exercem influência direta sobre as estratégias paisagísticas adequadas ao bioma Caatinga. De acordo com o diagnóstico ambiental elaborado para a região, trata-se de um “importante patrimônio natural e cultural da Caatinga, cuja conservação e valorização são essenciais” (Brasil, 2020, p. 12). O clima semiárido, marcado por elevada insolação, baixa disponibilidade hídrica e predominância de solos arenosos profundos, condiciona a seleção de espécies vegetais adaptadas e o emprego de soluções sustentáveis no projeto paisagístico.

Figura 1: Serra do Umbuzeiro, Paulo Afonso, Bahia.



Fonte: Autores, 2025.

Esses elementos locais se articulam com a necessidade de comparar a Serra do Umbuzeiro com outros territórios do Nordeste que compartilham dinâmica ecológica semelhante. Além da Serra da Capivara (Figura 2), que apresenta “características ambientais e culturais similares” (Silva; Araújo, 2018, p. 45), a Chapada do Araripe (Figura 3), no Ceará, surge como referência relevante por sua configuração geomorfológica e pela presença de vegetação adaptada às variações de altitude e regimes hídricos diferenciados. Estudos indicam que a Chapada do Araripe constitui um mosaico ecológico singular dentro da Caatinga, combinando áreas úmidas sazonais com zonas de seca prolongada (Santos; Lima, 2019).

A análise integrada desses estudos de caso possibilita identificar um repertório de práticas consolidadas voltadas à conservação e ao manejo sustentável. Tanto na Serra da Capivara quanto na Chapada do Araripe encontram-se experiências exitosas em restauração ambiental, valoração do patrimônio natural e implementação de estratégias de uso público que conciliam pesquisa científica, turismo e proteção da vegetação nativa (Fonseca, 2019; Santos; Lima, 2019). Essas iniciativas demonstram que modelos de gestão ecológica podem ser adaptados à realidade da Serra do Umbuzeiro, respeitando suas especificidades ambientais e socioculturais.

Figura 2: Serra da Capivara, no Piauí.



Fonte: viagemeturismo, 2021.

Figura 3: Chapada do Araripe, no Ceará.



Fonte: badalo.

Assim, a articulação entre o diagnóstico ambiental da Serra do Umbuzeiro e as referências comparativas oferecidas pela Serra da Capivara e pela Chapada do Araripe fortalece a fundamentação teórica do projeto paisagístico. Esse diálogo entre diferentes paisagens da Caatinga contribui para uma compreensão mais ampla dos condicionantes ecológicos do semiárido e orienta decisões projetuais baseadas em sustentabilidade, pertinência ambiental e valorização do patrimônio natural e cultural (Melo, 2021). Desse modo, constrói-se um arcabouço teórico sólido capaz de sustentar propostas integradas ao território e coerentes com sua complexidade ecológica.

3.2 Seleção Vegetal e Estratégias de Recuperação Ecológica

A seleção das espécies vegetais utilizadas no projeto fundamentou-se nas condições ambientais particulares da Caatinga, especialmente na forte sazonalidade hídrica e na elevada resistência exigida das plantas. Entre as espécies, como mostra na Figura 4, nativas, o umbuzeiro (*Spondias tuberosa*) destaca-se como referência ecológica e cultural, sendo descrito como árvore “decídua durante a estação seca”, com copa “baixa, ampla e arredondada”, além de ser altamente adaptada à estiagem devido à sua capacidade de armazenar água nas túberas (Maia, 2004).

Figura 4: O fruto Umbu da árvore Umbuzeiro, Paulo Afonso, Bahia.



Fonte: Autores, 2025.

Além de seu valor simbólico para a população sertaneja, suas características fisiológicas e estruturais o tornam fundamental para a criação de áreas sombreadas e para o suporte à biodiversidade local. Além do umbu, outras espécies nativas — como angico, aroeira, braúna-do-sertão, mandacaru e embaúba-prateada — foram consideradas pela sua relevância ecológica, ornamental e funcional (Tabela 1). Essas plantas contribuem significativamente para a recomposição vegetal, fornecendo abrigo e alimento à fauna, ao mesmo tempo em que reforçam a identidade paisagística da Caatinga. Esse valor

ecológico é reforçado pelo registro de que o bioma é “dominado por um dos poucos tipos de vegetação cuja distribuição é totalmente restrita ao Brasil” (Hueck, 1972), evidenciando a importância de sua preservação e utilização consciente em projetos paisagísticos regionais.

Tabela 1: Espécies nativas presente na Serra do Umbuzeiro, Paulo Afonso, Bahia.

PRINCIPAIS ESPÉCIES DO SERTÃO					
Espécie	Taxonomia	Nomenclatura	Características Botânicas	Características Paisagísticas	Uso Medicinal Tradicional
Aroeira-Verdadeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	Madeira dura, folhas alternas, copa arredondada	Sombra e arborização urbana	Uso antifúngico e cicatrizante
Angico-Vermelho	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i>	Angico-vermelho	"Árvore alta, copa densa, folhas bipinadas"	"Madeira nobre, paisagismo rústico"	Uso medicinal para cicatrização e problemas pulmonares
Braúna-do-Sertão	<i>Schinopsis brasiliensis</i>	Braúna	Madeira extremamente densa, folhas compostas	Paisagismo de áreas secas	Infusão da casca usada para ferimentos
Cacto Mandacaru	<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	"Caulo suculento, espinhos longos, flores noturnas"	Paisagismo xerófilo	Fruto usado como fonte nutricional
Embaúba-Prateada	<i>Cecropia hololeuca</i>	Embaúba	"Folhas palmadas, tronco oco, crescimento rápido"	Recuperação de áreas degradadas	Chá das folhas usado para problemas respiratórios
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i>	Copaíba	Folhas compostas, casca lisa, exsuda óleo-resina	Arborização urbana	Óleo utilizado para cicatrização e inflamações
Cumaru	<i>Amburana cearensis</i>	Cumaru	Madeira aromática, folhas compostas, flores amarelas	Paisagismo e arborização	Infusão das sementes para bronquite

Fonte: EMBRAPA, 2008.

A adoção de vegetação nativa também fortalece a resiliência ecológica do ambiente, uma vez que essas espécies são naturalmente adaptadas ao clima quente e seco do Sertão. Como indicado na literatura, “a precipitação pluvial média anual varia de 316 mm a 1.500 mm, com forte deficiência hídrica no interior do Nordeste” (Lima, 1996), reforçando a necessidade de selecionar plantas capazes de prosperar sob condições de baixa disponibilidade hídrica. Dessa forma, o uso de espécies regionais reduz a necessidade de irrigação, aumenta a eficiência ecológica e contribui tanto para a recuperação ambiental

quanto para a valorização dos elementos simbólicos e culturais da Serra do Umbuzeiro (EMBRAPA, 2008).

3.3 Soluções Paisagísticas e Sustentáveis Aplicadas

A intervenção paisagística proposta para a Serra do Umbuzeiro reforça a integração entre natureza, cultura e práticas sociais ao criar espaços que fortalecem o vínculo comunitário e ampliam o uso público, utilizando materiais sustentáveis — como tijolos ecológicos, madeira, pedras naturais e telhas cerâmicas — que dialogam com a estética e a memória sertaneja. Entre eles, destaca-se o espaço ecumênico, na Figura 5, concebido como ambiente de acolhimento espiritual, cuja estrutura em tijolos ecológicos, sombreamento em telha cerâmica e paredes vazadas favorece a contemplação e a harmonia com a paisagem da Caatinga. A presença de assentos em pedra e madeira retoma práticas tradicionais e reforça a identidade cultural local, integrando espiritualidade, natureza e comunidade em um espaço que valoriza o patrimônio regional.

Figura 5: Proposta arquitetônica de um espaço ecumênico.



Fonte: Autores, 2025.

Imediatamente, outra proposta arquitetônica é a instalação de pontos de hidratação, representado na Figura 6. Assim, cumpre importante função turística, social e educativa ao oferecer banheiro, chuveiro, pia, bebedouro e um pergolado sombreado com vegetação nativa. A escolha por tijolos ecológicos e madeira garante conforto térmico e reduz a necessidade de manutenção, enquanto a rede de descanso, inspirada no artesanato regional, reforça a dimensão cultural do espaço. Esse ambiente atende às necessidades dos visitantes, incentiva boas práticas de uso da área natural e promove a permanência

segura e consciente na serra, especialmente em percursos de caminhada, visita  o e educa  o ambiental.

Figura 6: Proposta arquitet  nica de um espaço de descanso e hidrata  o.



Fonte: Autores, 2025.

O anfiteatro construído em tijolos ecológicos, ilustrado na Figura 7, configura-se como um espaço comunitário destinado a apresenta  es culturais, rodas de conversa, atividades educativas e práticas de valoriza  o do patrimônio local. Sua forma semicircular aproveita a topografia natural, permitindo melhor integra  o com o relevo da Serra do Umbuzeiro. O uso de tijolos ecológicos reforça o compromisso com a sustentabilidade, enquanto a abertura do espaço e a proximidade com a vegeta  o nativa possibilitam experiências de aprendizagem ao ar livre, incentivando práticas pedagógicas que unem ciência, cultura e natureza.

Figura 7: Proposta arquitet  nica de um anfiteatro.



Fonte: Autores, 2025.

Por fim, a passarela de madeira, visível na Figura 8, estabelece um percurso sensível entre os visitantes e a vegeta  o da Caatinga, permitindo o contato direto com espécies nativas sem comprometer o solo ou a biodiversidade. Sua leveza estrutural e o uso de materiais naturais garantem que a obra se integre visualmente ao ambiente, valorizando a paisagem de forma mínima e respeitosa. Essa passarela funciona como instrumento educativo e contemplativo, convidando moradores, estudantes e turistas a vivenciar o bioma de forma

acessível e segura, reforçando a importância da conservação ambiental e da valorização da Serra do Umbuzeiro como patrimônio natural e cultural.

Figura 7: Proposta arquitetônica de um anfiteatro.



Fonte: Autores, 2025.

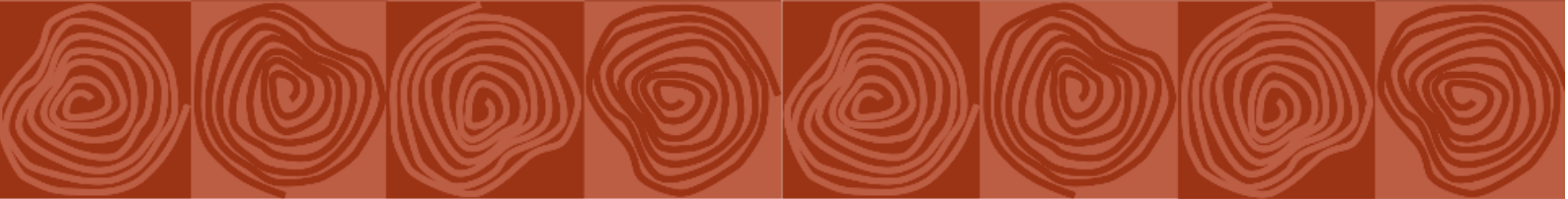
3.4 Contribuições Culturais, Educacionais e Comunitárias

A intervenção paisagística na Serra do Umbuzeiro fortalece a relação entre comunidade, cultura e natureza ao empregar materiais sustentáveis — como tijolos ecológicos, madeira, pedras e telha cerâmica — integrados à estética do sertão. A criação de espaços como o anfiteatro, a passarela, o ponto de hidratação e o ambiente ecumênico amplia as possibilidades de convivência, contemplação e pertencimento. Essa abordagem se conecta aos princípios da educação patrimonial, entendida como o processo que busca “promover reconhecimento, valorização e participação ativa das comunidades na preservação” (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p.25).

Esses ambientes também favorecem práticas educativas e culturais, sobretudo por meio da interpretação da paisagem e do estímulo ao olhar crítico sobre o território. Como destaca o IPHAN (2014), iniciativas que promovem essa compreensão fortalecem a percepção da paisagem como patrimônio coletivo e ampliam a consciência sobre sua conservação. Ao integrar elementos naturais e culturais ao uso público, as intervenções reforçam que “não há conservação sem participação social” (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p.14), contribuindo para a valorização contínua do patrimônio natural e cultural da Serra do Umbuzeiro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da Serra do Umbuzeiro evidenciou sua importância ambiental, cultural e histórica no contexto da Caatinga, demonstrando a necessidade de estratégias sustentáveis que



unam conservação, uso público e identidade comunitária. As propostas — que incluem o uso de espécies nativas e a criação de espaços ecumênicos, educativos e de convivência com materiais como tijolos ecológicos, madeira, pedras e telhas cerâmicas — mostraram ser adequadas ao clima do semiárido e eficazes na integração do projeto à paisagem local, fundamentadas em estudos de caso e diagnóstico ambiental. Assim, a intervenção reafirma o potencial da serra como espaço de preservação, educação e turismo sustentável, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a valorização do patrimônio natural e cultural, e destacando a importância de um planejamento participativo para garantir a proteção do bioma Caatinga e das identidades que o compõem.

REFERÊNCIAS

BIANCHINI, Fabricio. *Umbu (Spondias tuberosa): produto da sociobiodiversidade nos territórios Fundo de Pasto*. 2018. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) — Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro, 2018.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Diagnóstico ambiental da Caatinga: conservação e gestão do bioma*. Brasília: MMA, 2020.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies arbóreas brasileiras*. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2008. 593 p. il. color. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras, v. 3). ISBN 978-85-7383-429-1.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

EMBRAPA. *Entenda o Código Florestal: Área de Preservação Permanente*. Brasília, DF: Embrapa, [s.d.]. Disponível em: <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/entenda-o-codigo-florestal/area-de-preservacao-permanente>. Acesso em: 18 fev. 2025.

EMBRAPA. *Espécies do Código Florestal*. Brasília, DF: Embrapa, [s.d.]. Disponível em: <https://www.embrapa.br/codigo-florestal/especies>. Acesso em: 18 fev. 2025.

FONSECA, J. P. *Gestão ambiental e uso público no Parque Nacional da Serra da Capivara*. Teresina: Editora UFPI, 2019.

GENTIL, Taítalo Eduardo Gomes. *Rugosidades e imagens de Paulo Afonso – BA: os lugares histórico-geográficos como sínteses de consolidação da terra da energia*. 2023. 131 f. Monografia (Licenciatura em Geografia) — Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, Delmiro Gouveia, 2023.

GOLFARI, L.; CASER, R. L. *Zoneamento ecológico da Região Nordeste para experimentação florestal*. Belo Horizonte: Centro de Pesquisas Florestais da Região do Cerrado, 1977. 116 p. (Prodepef. Série Técnica, 10).

HORTA, Maria de Lourdes; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN; Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio).

Caatinga: diagnóstico do bioma. Brasília, DF: ICMBio, 2019.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Educação*

Patrimonial: histórico, conceitos e processos. Brasília: IPHAN, 2014.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Sítio Roberto*

Burle Marx. Rio de Janeiro: IPHAN, 2010. 240 p. il. color. ISBN 978-85-7334-156-5.

LIMA, João de Sousa. *Serra do Umbuzeiro: o ponto culminante de Paulo Afonso.* 2011.

Disponível em: <https://joaodesousalima.blogspot.com/search?q=serra+do+umbuzeiro>.

Acesso em: 24 nov. 2025.

LIMA DE OLIVEIRA, Antonio Marcos. *A cidade de Paulo Afonso, 1948–1985: as*

espacializações do trabalho, do controle e das lutas. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) — Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura, 2017.

MAIA, Gerlaine N. *Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades.* 2. ed. Fortaleza:

Printcolor, 2004.

MELO, R. A. *Sustentabilidade e estratégias de manejo em paisagens semiáridas.* Salvador:

EDUFBA, 2021.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas.* Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, L. F.; LIMA, D. A. *Ecologia e conservação na Chapada do Araripe: estudos*

ambientais no semiárido nordestino. Fortaleza: UFC, 2019.

SANTOS, Tainara de Jesus; SILVA, Gustavo Ribeiro da; CRUZ, Elizeu Pinheiro da.

Conservação da arara-azul-de-lear e suas imbricações com o turismo do Raso da Catarina.

Editora

Realize,

2024.

Disponível

em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cec/2024/TRABALHO_CORRECAO_COM_IDENT_EV199_MD4_ID66_TB11_19022024160551.pdf.

Acesso em: 24 nov. 2025.

SILVA, M. R.; ARAÚJO, C. F. *Patrimônio natural e práticas de conservação na Serra da*

Capivara. Recife: Ed. UFPE, 2018.

VIAGEM E TURISMO. Serra da Capivara. Disponível em:

<https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/serra-da-capivara-2/>. Acesso em: 24 nov.

2025.

BADALO. *Chapada do Araripe: projeto de conservação busca reflorestar áreas em quatro*

anos. Disponível em: <https://www.badalo.com.br/cariri/chapada-do-araripe-projeto-de-conservacao-busca-reflorestar-areas-em-quatro-anos/>.

Acesso em: 24 nov. 2025.